



A perspectiva relacional na gestão do turismo de base comunitária: o caso da Prainha do Canto Verde

The relational perspective in community-based tourism management: the case of Prainha do Canto Verde

La perspectiva relacional en la gestión del turismo de base comunitaria: el caso de la Prainha do Canto Verde

Andrés Burgos < anburgosdelgado@unb.br >

Mestre e Doutorando em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (CDS/UnB), Brasília, DF, Brasil.

Frédéric Mertens < mertens.br@gmail.com >

Professor adjunto no Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB), Brasília, DF, Brasil.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebido 24-jun-2014

Aceite 24-mar-2015

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

BURGOS, A; MERTENS, F. A perspectiva relacional na gestão do turismo de base comunitária: o caso da Prainha do Canto Verde. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 15 n.1., p.81-98, abr. 2015.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: O presente trabalho parte do reconhecimento de que as relações sociais e as formas de organização em rede são importantes em projetos comunitários baseados na colaboração, assim como da necessidade de se promover uma discussão mais ampla sobre a gestão participativa e sustentabilidade turística, desde a perspectiva relacional. O estudo examina as propriedades estruturais da rede de colaboração na gestão do turismo de base comunitária na Prainha do Canto Verde (Estado do Ceará / Nordeste do Brasil). A análise de redes sociais é aplicada por meio da utilização de medidas que auxiliam na compreensão das relações entre as características estruturais da rede de colaboração e os processos de gestão do turismo de base comunitária: tamanho da rede, conectividade, densidade, distância média entre os indivíduos e centralidade. Os resultados mostram que o padrão estrutural da rede de colaboração da comunidade de estudo é bastante condizente com os fundamentos do turismo de base comunitária, que tem na gestão participativa e na organização social um de seus aspectos constituintes e diferenciadores de outras práticas turísticas.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Turismo de base comunitária; Participação social; Redes de colaboração; Análise de redes sociais.

Abstract: This paper acknowledge that social relations and network organizational structures are important in collaborative community projects and that there is a need to promote a broader discussion on participatory management and tourism sustainability from a relational perspective. The study examines the structural properties of the collaboration network in the management of community-based tourism in Prainha do Canto Verde (State of Ceará, Northeastern Brazil). Social network analysis is applied by using measures that can help understand the relationships between the structural characteristics of the collaboration network and the processes of community-based tourism management: network size, connectivity, density, average distance among individuals and centrality. Results show that the structural pattern of the community collaboration network is quite consistent with the principles of community-based tourism, in which participatory management and social organization as key aspects that differentiate it from other tourism practices.

Keywords: Sustainability; Community-based tourism; Social participation; Collaborative networks; Social networks analysis.

Resumen: El presente trabajo parte del reconocimiento de que las relaciones sociales y las formas de organización en red son importantes en proyectos comunitarios basados en la colaboración, así como de la necesidad de promover una discusión más amplia sobre la gestión participativa y sostenibilidad turística, desde la perspectiva relacional. El estudio examina las propiedades estructurales de la red de colaboración en la gestión del turismo de base comunitaria en la Prainha del Canto Verde (Estado de Ceará/Noreste de Brasil). El análisis de redes sociales se aplica por medio de la utilización de medidas que auxilian en la comprensión de las relaciones entre las características estructurales de la red de colaboración y los procesos de gestión del turismo de base comunitaria: tamaño de la red, conectividad, densidad, distancia media entre los individuos y centralidad. Los resultados muestran que el patrón estructural de la red de colaboración de la comunidad de estudio es bastante congruente con los fundamentos del turismo de base comunitaria, que tienen en la gestión participativa y en la organización social uno de sus aspectos constituyentes y diferenciadores de otras prácticas turísticas.

Palavras clave: Sostenibilidad; Turismo de base comunitaria; Participación social; Redes de colaboración; Análisis de redes sociales.

Introdução

O turismo de base comunitária (TBC) emerge como uma resposta de resistência às pressões mundiais do mercado turístico que, além de excluir as populações locais dos potenciais benefícios do turismo, também ameaçam sua coesão social, sua diversidade cultural e seu hábitat natural. A retórica do discurso oficial sobre o TBC contempla a integração dos atores locais mediante a promoção da participação de todos os membros da comunidade envolvidos na atividade, visando uma gestão participativa. Além disso, a gestão participativa no processo de planejamento e implementação de projetos turísticos comunitários representa um fator crítico para o desenvolvimento sustentável destas experiências (HALL, 2001; IRVING, 2002; MOWFORTH e MUNT, 2003).

Por sua vez, a articulação em rede dos membros envolvidos no TBC apresenta-se como uma estratégia para potencializar as ações coletivas na busca de soluções mais coordenadas, permitindo a integração dos atores em contextos relacionais e melhorando a chance de sucesso das iniciativas em andamento (BARTHOLO, BURSZTYN e DELAMARO, 2009). Os vínculos compartilhados entre os diferentes membros da comunidade articulados em rede constituem estruturas relacionais que condicionam a disponibilidade e mobilização dos recursos, favorecendo ou obstruindo as trocas e a ação coletiva. Assim, o padrão estrutural de uma rede social envolvida no turismo comunitário pode ter impacto significativo sobre como os atores se comportam e, portanto, influir nos processos de gestão participativa. Deste modo, avaliar a atuação das redes sociais no TBC pode contribuir com elementos a serem considerados na compreensão do papel da gestão participativa sobre o desenvolvimento de práticas turísticas sustentáveis.

Este estudo parte do pressuposto de que se diferentes atores de uma comunidade visam ao máximo aproveitamento do sistema turístico e dos recursos locais, embora existam interesses pessoais diversos, terão que trabalhar conjuntamente mantendo um processo de colaboração para o controle e desenvolvimento da atividade, assim como para o uso sustentável dos seus atrativos turísticos. O trabalho se articula na crítica a duas lacunas identificadas nas pesquisas contemporâneas ligadas ao turismo: (i) escassez de estudos empíricos que examinem os processos e resultados do desenvolvimento turístico por meio da análise dos aspectos estruturais das redes sociais; e (ii) déficit analítico no tratamento das relações intracomunitárias como meio para revelar as dinâmicas colaborativas que acontecem entre os atores turísticos comunitários de um determinado território. Portanto, este artigo visa compreender em que medida a estrutura das redes sociais de comunidades envolvidas no turismo de base comunitária condiciona a participação na gestão turística. A partir da investigação das bases conceituais das redes sociais, o trabalho examina a rede de colaboração entre os membros da Prainha do Canto Verde (Estado do Ceará, Brasil) envolvidos no turismo comunitário por meio de medidas que podem oferecer um maior entendimento do processo de colaboração na gestão do TBC.

A importância dos padrões relacionais na gestão do TBC

A exclusão das comunidades dos benefícios turísticos e o interesse na minimização dos efeitos nocivos da atividade sobre as populações locais estimularam uma nova forma de desenvolvimento do turismo que coloca a população local no centro do planejamento e promove práticas mais justas e sustentáveis (IRVING, 2000; BARTHOLO, SAN SOLO e BURSZTYN, 2009; CORIOLANO, 2009).

O protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade, por meio da organização e participação social, destaca-se como elemento comum e mais recorrente na conceituação do TBC (MENDONÇA, 2004; MTUR, 2010; FABRINO, 2013).

A proposta do TBC está ancorada na prevalência dos padrões relacionais interpessoais. Assim, as relações estão implícitas na acolhida e hospitalidade dada aos visitantes por meio de vínculos “humanizados” e da criação de espaços compartilhados, propícios para práticas de sociabilidade e interação entre visitantes e visitados. Além disso, processos colaborativos entre os membros da comunidade, enquanto principais partes interessadas no TBC, são necessários para oferecer os serviços dirigidos aos turistas, bem como para assegurar o desenvolvimento socioeconômico da comunidade, preservar os recursos turísticos e minimizar os impactos negativos da atividade. Mediante incorporação de estratégias de colaboração, os membros da comunidade têm oportunidade de coordenar os aspectos que conformam o “pacote turístico” e de dar resposta às necessidades dos turistas, tais como transporte, hospedagem, alimentação e entretenimento, dentre outras. Além disso, minimizar as ameaças potenciais do turismo sobre os ambientes naturais, socioculturais e econômicos locais, de forma a preservar os atrativos turísticos e alcançar o benefício coletivo para a comunidade, passará pela implementação de alianças mutuamente benéficas que sejam economicamente rentáveis e socialmente aceitáveis para a população local.

Essa tarefa exige que grupos com diversas capacidades, necessidades e interesses criem parcerias para desenvolver atividades próprias do turismo. Nesse sentido, as relações sociais e colaborações que permeiam o processo organizacional do turismo comunitário serão essenciais para delinear uma gestão responsável que busque a obtenção de benefícios coletivos e permita evitar os problemas derivados do turismo convencional. Por isso, para compreender o modelo do TBC é necessário analisar as relações de interdependência que se estabelecem entre os membros da comunidade na organização dos serviços turísticos e na gestão dos recursos locais através da criação de redes sociais.

Se a colaboração é um processo de resolução de problemas que envolve o compartilhamento de apreciações ou recursos entre diversas partes interessadas (GRAY, 1985), as ligações entre essas partes criam redes sociais que podem fornecer a base para estes intercâmbios (LAUBER et al., 2008). Quando diferentes membros da comunidade colaboram no TBC, mediante diversos processos e acordos relacionais, a estrutura que emerge da inter-relação se traduz na existência de uma rede social. Como resultado das relações entre os membros de uma rede podem-se identificar estruturas relacionais às quais se deve atribuir à emergência de propriedades sistêmicas da rede, que ajudarão a discernir melhor tanto a organização da comunidade, quanto os seus resultados no desenvolvimento do TBC. Ter a capacidade de analisar as dinâmicas colaborativas que acontecem entre os membros de uma determinada comunidade, mediante a caracterização das relações sociais existentes, apresenta-se como um elemento chave para examinar os vínculos que se estabelecem entre a rede de atores e o desenvolvimento da prática turística comunitária. Igualmente, a análise da colaboração interpessoal no TBC permite avaliar a capacidade de gestão da comunidade no desenvolvimento da sua proposta turística.

Articulação em rede

Uma vez que a participação dos membros de uma comunidade passa a ser considerada uma premissa fundamental para o desenvolvimento de qualquer experiência de TBC, surge então o conceito de rede como elemento que permite alavancar a potencialidade de entendimento dessa participação.

Uma rede social pode ser definida como um conjunto finito de nós, ou membros da rede, conectados entre si por meio de relações sociais específicas (WASSERMAN e FAUST, 1999; MARIN e WELLMAN, 2011). Os estudos de redes sociais pressupõem que os indivíduos ou atores não atuam de maneira isolada, senão que seus comportamentos estão condicionados pelos padrões de relações que conseguem desenvolver de maneira proativa (CASTELLS, 2000; GILCHRIST, 2000). A análise de redes sociais (ARS) centra-se nos padrões de relação entre os atores e examina a disponibilidade e troca de recursos entre eles (WASSERMAN e FAUST, 1999; SCOTT, 2000; KNOKE e YANG, 2008). O padrão estrutural das relações de uma rede social pode ter um impacto significativo sobre os comportamentos individuais e coletivos e, conseqüentemente, influir nos processos de gestão efetiva (PRETTY, 2003; LAUBER et al., 2008; BODIN e CRONA, 2009).

As redes sociais apresentam-se como fatores relevantes no fomento e no fortalecimento tanto da gestão participativa quanto do turismo sustentável (HALME, 2001; SCOTT et al., 2008). O interesse na participação social dos atores envolvidos através da criação de redes sociais de colaboração para o desenvolvimento do turismo está intimamente ligado à ideia de que os destinos turísticos poderiam obter ganhos mediante a troca de experiências, conhecimentos e outros recursos (BRAMWELL e LANE, 1999; BORGATTI e FOSTER, 2003; NOVELLI et al., 2006). Um argumento adicional para a colaboração no turismo é que, ao envolver o aprendizado coletivo, promove decisões que gozam de um maior grau de consenso e de propriedade comum (ARAUJO e BRAMWELL, 1999).

As características das redes sociais contribuem para a capacidade das comunidades de se engajarem e orquestrarem esforços colaborativos. Desta forma, saber quais partes interessadas colaboram na atividade, quais papéis desenvolvem os membros da comunidade e como e com quem eles interagem, pode oferecer importantes subsídios tanto para compreender quanto para implementar formas de organização coerentes com a gestão participativa do TBC. As propriedades a seguir auxiliam a caracterizar a estrutura das redes e a analisar processos de colaboração entre determinados grupos ou indivíduos em particular, ajudando a desvendar aspectos presentes nas complexas relações entre os atores no desenvolvimento do TBC.

Tamanho da rede

Geralmente se obtém simplesmente contando o número de nós. Trata-se de uma propriedade importante para a estrutura das relações sociais uma vez que os recursos e as capacidades de cada ator para construir e manter laços são limitados (HANNEMAN e RIDDLE, 2005). Assim, à medida que o grupo cresce, aumenta a probabilidade do surgimento de subgrupos a facções diferenciadas. Além disso, todos os demais critérios de análise estrutural em uma rede social são calculados a partir desse indicador (SCOTT, 2000). No TBC, espera-se o envolvimento de toda a comunidade ou pelos menos de uma parte significativa da diversidade de atores comunitários. Portanto, a proporção de participantes na rede em relação ao tamanho de comunidade é um fator relevante para analisar o desenvolvimento da prática turística.

Conectividade da rede

Para que recursos possam circular entre um par de atores, tais atores deverão estar conectados por meio de uma relação direta ou por meio de outros atores intermediários. Uma rede é considerada conectada se existe um caminho entre qualquer par de nós dessa rede que possibilita que recursos

sejam mobilizados entre qualquer par de atores. Alternativamente, uma rede fragmentada é formada por vários subgrupos não conectados entre si (WASSERMAN e FAUST, 1999; SCOTT, 2000). A fragmentação reduz o acesso a contatos, necessários para alavancar recursos, idéias, inovação e informações. Uma gestão participativa do TBC pressupõe a existência de conexões e colaborações entre os diferentes grupos envolvidos na atividade.

Densidade

A densidade descreve o nível geral de conexão entre os membros de uma população (SCOTT, 2000, p. 69). É calculada como proporção de relações totais estabelecidas pelos atores da rede em relação ao número total de possíveis relações (WASSERMAN e FAUST, 1999). Uma alta densidade de colaboração permite um fluxo mais livre de recursos. Isso pode favorecer a aprendizagem e fortalecer a experiência sobre a prática turística, trazendo efeitos positivos sobre a capacitação e qualidade dos serviços turísticos, por meio da exposição a novas idéias e do acesso a mais informações. Porém, densidades muito altas podem produzir acesso repetido às mesmas informações e recursos, conduzindo à homogeneização de atitudes e à redundância de conhecimentos, diminuindo sua especialização, além de reduzir a eficácia da ação coletiva e a capacidade de adaptação a condições de mudança (BODIN, CRONA e ERNSTSON, 2006). Já, uma densidade baixa pode estar associada a fracas relações de socialização entre os membros da rede, aumentando o risco de emergência de subgrupos que podem atuar em benefício próprio, reduzindo os processos colaborativos da comunidade como um todo para o desenvolvimento da atividade turística.

Distância média entre os indivíduos

Trata-se de outra medida que ajuda a entender a proximidade entre os atores na rede e como esta propriedade tem potencial de influir na troca de recursos. A distância entre dois nós consiste em determinar o número de vínculos no caminho mais curto possível entre eles (WASSERMAN e FAUST, 1999). Já a distância média, a média das distâncias entre cada par de nós da rede, é uma medida global de separação e pode ser utilizada para avaliar a eficiência do processo de comunicação ao nível de toda a rede (MERTENS et al., 2008). Quanto menor a distância entre os membros da comunidade, mais eficiente e ágil poderá ser a colaboração na gestão dos serviços turísticos entre qualquer par de membros, devido à presença de menos intermediários.

Centralidade

Sua aplicação permite a caracterização do poder social dos nós, uma vez que posições centrais de uma rede representam geralmente posições de poder (HANNEMAN e RIDDLE, 2005). Entre as diferentes abordagens que se podem utilizar para medir a centralidade, aqui foi escolhida a centralidade de grau (degree). A medida quantifica o número de ligações diretas associadas a um determinado indivíduo (FREEMAN, 1979; WASSERMAN e FAUST, 1999). Assim, a centralidade permite destacar indivíduos bem conectados que podem agir como líderes de opinião ou ter um papel de coordenação no processo colaborativo.

A aplicabilidade prática da ARS para identificar os padrões de interação entre os membros de comunidades que trabalham no TBC e sua influência sobre a gestão participativa da atividade é verificada por meio do estudo de caso da Prainha do Canto Verde. Optou-se por este estudo de caso devido a dois motivos principais: sua condição de experiência pioneira e bem sucedida na promoção do turismo de base comunitária, reconhecida tanto nacional como internacionalmente (BURSZTYN et al., 2003; BARTHOLO, SAN SOLO e BURSZTYN, 2009) e o destaque desta experiência na literatura baseada na participação social, organização comunitária e mobilização do capital social (MENDONÇA, 2004; GONDIM, 2005).

Estudo de caso

A comunidade da Prainha do Canto Verde localiza-se no litoral leste do Estado do Ceará, no município de Beberibe (Brasil), a 126 km de Fortaleza e em área de elevado valor econômico, entre alguns dos principais destinos turísticos do litoral cearense (Figura 1). Assenta-se numa porção do litoral com uma área de 11,54 ha, sobre um campo de dunas, ocupando, em grande parte, afloramentos das antigas falésias e margeada por lagoas e planícies alagáveis. Segundo dados publicados com base em informações orais dos moradores (MENDONÇA, 2004; CORIOLANO, 2009; FABRINO, 2013), a vila é composta por uma população que oscila entre os 1.000 e 1.200 habitantes, que tem na pesca artesanal sua atividade principal.

Figura 1. Mapa de localização da comunidade da Prainha do Canto Verde, no município de Beberibe, Estado do Ceará, Região Nordeste do Brasil.



Fonte: Elaboração própria, a partir de imagens do Google Earth e Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (<http://www.cdbrasil.cnpn.embrapa.br/>)

Os primeiros registros de povoamento tiveram início no século XIX. No fim da década de 1970 e começo de 1980, a comunidade iniciou a disputa pelo direito à moradia e posse da terra após o primeiro episódio de grilagem e o aumento da especulação imobiliária. Na década de 90, o contexto de inquietude motivado pelo forte processo de especulação de terras, junto com a crescente crise de degradação ambiental do litoral, a falta de oportunidades de emprego e a precariedade das condições de saúde e educação, estimularam a criação de vários projetos e conselhos comunitários (MENDONÇA, 2004; CORIOLANO, 2009). Esse contexto incentivou as primeiras reuniões e oficinas de turismo, que culminaram na elaboração do projeto de TBC da Prainha do Canto Verde. A missão desse projeto foi elaborada pelo Conselho de Turismo da comunidade em 1997 e visou, conforme Schärer (2003, p. 235), “desenvolver o turismo ecológico de forma comunitária para melhorar a renda e o bem-estar dos moradores; preservando os nossos valores culturais e os recursos naturais da nossa região”.

A atividade turística da comunidade conta com uma estrutura que engloba restaurantes, pequenas pousadas, chalés, casas e quartos de aluguel. Além disso, existem alguns bares e lanchonetes. As atividades oferecidas aos turistas que visitam a Prainha do Canto Verde incluem trilhas ecológicas, excursões e passeios de buggy, barco e catamarã. O modelo de turismo da Prainha do Canto Verde é responsável por um fluxo de turistas representado, em sua grande parte, por pessoas procedentes do estado do Ceará e, principalmente, da capital Fortaleza (MENDES e CORIOLANO, 2006). Normalmente, esses turistas procuram a Prainha motivados pelas belezas naturais, a tranquilidade e o convívio com a população local.

Desde que a proposta começou, o turismo desenvolvido na Prainha do Canto Verde tornou-se a experiência de TBC brasileira de maior sucesso e referência para outras comunidades do litoral brasileiro, que também apostaram pelo turismo de base local (BURSZTYN et al., 2003; MENDONÇA, 2004; BARTHOLO, SAN SOLO e BURSTYN, 2009). Contudo, alguns estudos recentes alertam sobre como o surgimento de conflitos na comunidade está colocando em risco esse modelo de desenvolvimento turístico, muitas vezes apresentado de maneira “romantizada” (FABRINO, 2013; FORTUNATO e SILVA, 2013). Parece pertinente, portanto, qualificar esse sucesso no TBC, analisando o processo colaborativo entre os diferentes membros da comunidade e avaliando em que medida a estrutura da rede de colaboração da Prainha do Canto Verde condiciona a participação na gestão turística.

Metodologia

Para definir a fronteira da comunidade e identificar os membros da rede consideraram-se os indivíduos que se auto-reconheceram como membros da comunidade e que também declararam estar envolvidos no TBC. A identificação dos atores foi realizada mediante a elaboração de um censo da comunidade. Para isso, e previamente à realização do censo, foi confeccionado um mapa da comunidade. No mapa foi atribuído um número de identificação (ID) para cada casa. Em seguida, uma vez identificadas as residências com seu correspondente ID, todas as casas foram visitadas a fim de registrar, por meio da aplicação de um formulário de censo, as pessoas que moravam em cada uma. Para cada morador, foram coletados nome completo e apelido, além de sexo, idade e ocupação principal. Na mesma hora da visita e realização do censo, cada morador foi identificado por um código de identificação relacionado com o ID da sua moradia. O censo contabilizou um total de 780 pesso-

as repartidas entre 214 famílias. Nesse mesmo momento do censo o casal ativo ou chefe(a) maior de idade de cada família foi também identificado, uma vez que esse constituiu o recorte metodológico para viabilizar o estudo e aplicar posteriormente os questionários de pesquisa. No final, foram identificadas 486 pessoas como chefes(as) de família, das quais foram entrevistadas 413. Isto é, 84,97% da população alvo de estudo.

Para este estudo, foram utilizados dois modelos de questionários. O primeiro questionário foi aplicado a todos os(as) chefes(as) de família entrevistados (413 indivíduos), no intuito de coletar dados pessoais e de percepção sobre a prática turística, assim como identificar os membros da comunidade que trabalham no TBC (124 indivíduos). O segundo questionário foi aplicado somente para essas pessoas envolvidas no TBC com objetivo de coletar dados sobre a atividade turística e a colaboração nessa atividade. A ARS integra variáveis relacionais e pessoais para explicar os fenômenos sociais. Para identificar as relações de colaboração no TBC os entrevistados que manifestaram estar envolvidos na atividade turística responderam à seguinte pergunta: com quem você geralmente costuma colaborar ou trabalhar junto no turismo na comunidade? A pergunta solicitava que a pessoa citasse, livremente, nomes de outros membros da comunidade com que ela trabalhasse na atividade (ou atividades) relacionada com o turismo e desenvolvida na comunidade. Ainda, foi solicitado que identificasse o tipo de relação (amizade, parentesco ou conhecido/a) que mantinha com cada uma das pessoas citadas. A partir das respostas individuais a essa pergunta, obteve-se uma lista de membros da comunidade citados por cada entrevistado. No total, os 124 entrevistados mencionaram 550 relações de colaboração. A grande maioria destas relações (76,54%) foi identificada entre pessoas do grupo de 124 indivíduos envolvidos no TBC. As relações de colaboração externas a este grupo não foram utilizadas nas análises. Essas informações foram sistematizadas em uma matriz binária (ator-ator) com os mesmos atores entrevistados nas linhas que nas colunas. Neste estudo se adotou a simetria máxima de relações de colaboração. Isto significa que se considerou que uma relação de colaboração existe quando um dos dois indivíduos a identificou, sem ser necessária a citação recíproca.

Os dados pessoais e relacionais do conjunto dos atores envolvidos na atividade turística foram posteriormente importados para o programa de tratamento de dados relacionais UCINET 6 (BORGATTI, EVERETT e FREEMAN, 2002), que possibilita identificar as características estruturais das redes sociais e realizar diversas rotinas analíticas para o conjunto global das relações estabelecidas. Por sua vez, os dados da rede foram exportados para o software Netdraw (BORGATTI, 2002) para visualizar a estrutura da rede de colaboração.

Resultados

A Tabela 1 mostra as características da população envolvida com o TBC na comunidade de acordo com diferentes fatores socioculturais e demográficos.

Tabela 1. Frequência (%) das características demográficas e socioculturais dos indivíduos envolvidos no TBC da Prainha do Canto Verde, por sexo

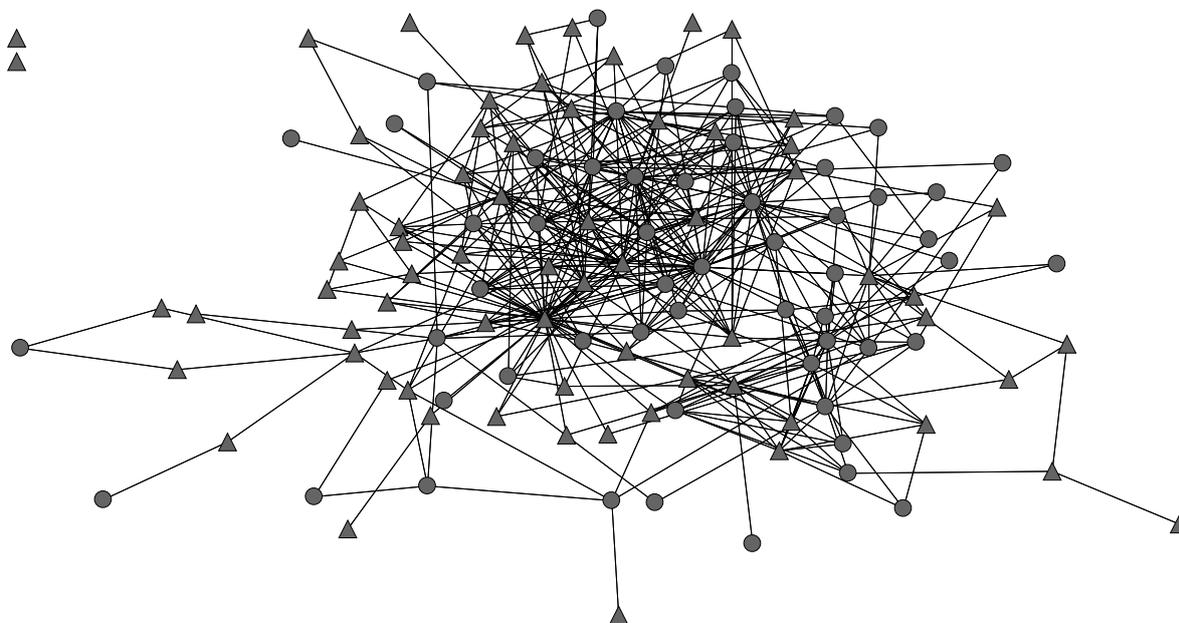
Características	Mulheres (n=68)	Homens (n=56)
Idade		
18-35	47,0	48,2
36-49	35,3	28,6
50-	17,7	23,2
Origem		
Beberibe	79,4	78,5
Outros municípios	16,2	12,5
Outros Estados	2,9	5,4
Outros países	1,5	3,6
Escolaridade (1)		
0-5	38,3	35,7
6-9	29,4	32,1
10-12	23,5	25,1
13-	8,8	7,1
Participação Associações Locais (2)		
As. Moradores	50,0	60,7
As. Independente	19,1	23,2
Ambas	4,4	3,6
Não frequenta	26,5	12,5
Ocupação principal		
Artesanato	10,3	0
Comercio	10,3	12,5
Dona de casa	29,4	0
Pescador(a)	8,8	53,6
Turismo	13,2	14,3
Outros	28,0	19,6
Ocupação no TBC		
Aluguel casa/quartos	20,1	17,8
Artesanato	33,9	13,7
Cozinha/Alimentação	13,0	11,3
Gerencia pousada	12,3	11,1
Monitor(a)	2,6	13,9
Serviços	18,1	32,2
Tempo no TBC (3)		
De 1 a 5	57,35	53,5
De 6 a 10	26,47	30,3
De 11 a 15	14,71	8,9
Igual ou mais de 16	1,47	7,1
Importância do turismo na renda familiar		
Primeira fonte de renda	8,9	13,3
Segunda ou terceira fonte de renda	91,1	86,7
Total	100.0	100.0

Número de anos de estudo; (2) Na comunidade existem duas associações locais de moradores. A Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde, surgida em 1989 e responsável pelo turismo comunitário e a Associação Independente dos Moradores da Prainha, criada em 2010 e que apóia um modelo de turismo mais convencional; (3) Anos de trabalho no turismo comunitário.

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa dos autores

A Figura 2 mostra a rede de colaboração entre as 124 pessoas que estão envolvidas no TBC na comunidade. Isso significa que 30,02% dos membros da comunidade entrevistados (413) indicaram trabalhar no turismo comunitário e revela o tamanho da rede.

Figura 2. Rede de colaboração no TBC da Prainha do Canto Verde.



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa dos autores

Na comunidade 68 mulheres (54,8%) e 56 homens (45,2%) reconheceram estar envolvidos com o turismo. A rede se caracteriza por uma alta conectividade, apresentando um grande componente incluindo 122 indivíduos. Apenas dois indivíduos não indicaram nenhum parceiro de colaboração, nem foram indicados por outros, e aparecem como isolados na rede. Isto é, exceto dois membros, qualquer ator da rede pode estabelecer uma relação de colaboração com qualquer outro, mesmo que passando por diversas ligações e atores intermediários.

O número de conexões da rede totaliza 421, sendo que cerca de 30% de todas as relações estabelecidas entre cada par de nós, são bidirecionais. Na rede, onde se considerou que uma relação de colaboração existe quando um dos dois indivíduos a identificou, o número médio de conexões estabelecidas pelos membros é 6,79. Esse dado indica o nível médio de participação no processo de colaboração. Igualmente, a proporção de ligações existentes na rede em relação ao número total de relações possíveis oferece a medida de densidade, igual a 0,0552. Isso significa que na rede de estudo estão presentes apenas 5,52% do total de laços possíveis.

A distância média entre os indivíduos do componente principal da rede de colaboração, que interliga as 124 pessoas, é 2,9, o que significa que, em média, um recurso (informação, experiência, dentre outros) pode circular entre qualquer par de membros da rede com somente dois atores intermediários. Este resultado indica também o potencial para uma eficiente colaboração entre os membros da rede.

Outro indicador que ajuda a caracterizar a rede social de estudo é o grau de centralidade dos indivíduos. A centralidade de grau indica com quantos nós encontram-se diretamente conectados um

outro nó determinado e mediante seu uso é possível identificar os atores mais centrais que poderão ter mais oportunidades e vantagens para o desenvolvimento da atividade turística devido a sua posição dentro da rede. A Tabela 2 apresenta o número de colaborações dos atores mais centrais, ou seja que possuem um mínimo de 20 ligações.

Tabela 2. Caracterização dos atores com maior número de relações de colaboração.

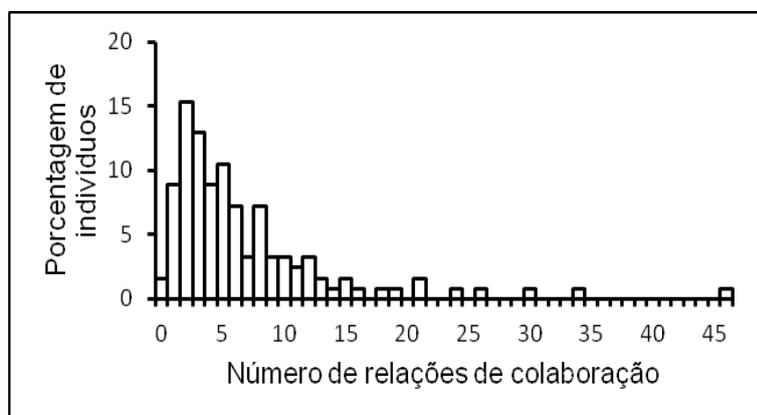
Sexo	Ocupação no TBC	Número de relações de colaboração
F	Gerente de pousada	46
M	Gerente de pousada	34
M	Monitor	30
M	Monitor	26
F	Artesanato	24
F	Gerente de pousada	21
M	Monitor	21
<i>Número médio de relações de colaboração</i>		6,79

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa dos autores

Quanto maior número de relações de colaboração de um indivíduo, maior seu poder social, uma vez que posições centrais de uma rede representam geralmente maior oportunidade de acesso e transmissão de recursos, assim como elevados graus de controle nos processos de decisão. Uma mulher que atua como gerente de pousada tem a maior centralidade na rede de colaboração.

A análise de redes sociais é uma ferramenta que também permite avaliar outra propriedade importante da rede relacionada à dispersão das relações, e que pode ser apresentada como a frequência de distribuição das relações de colaboração (Figura 3). A rede de colaboração da Prainha do Canto Verde exibe distribuição heterogênea do número de relações de colaboração no TBC, o que revela que a maioria dos indivíduos têm um pequeno número de relações (58% dos indivíduos têm de 0 a 5 relações de colaboração), enquanto alguns poucos indivíduos têm muitas relações de colaboração, podendo ser considerados lideranças ou atores centrais na comunidade. Tais indivíduos mais conectados correspondem aos atores mais centrais mostrados na Tabela 2.

Figura 3. Distribuição de freqüência (%) do número de relações de colaboração na comunidade da Prainha do Canto Verde.



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa dos autores

Por fim, as entrevistas com os membros da comunidade envolvidos no TBC permitiram identificar não apenas as relações e os parceiros de colaboração de cada membro, mas também o tipo de relação que cada um mantém com os interlocutores indicados. Do total das relações de colaboração existentes na rede, 62,5% foram identificadas como amizade, 36,5% como parentesco e 1% como relações estabelecidas com conhecidos/as.

Discussão e conclusões

Vários estudos sobre o turismo comunitário na Prainha do Canto Verde concluíram que a comunidade tem forte tradição de participação e organização social (BURSZTYN et al., 2003; MENDONÇA e IRVING, 2004; BARTHOLO, SAN SOLO e BURSZTYN, 2009). Reforçando essa ideia, a rede de estudo apresenta-se como uma rede bem conectada, com poucos membros isolados (2) e uma elevada porcentagem de relações recíprocas (30%). A elevada proporção de membros conectados mediante relações de colaboração (98,3%) e o número médio de conexões relativamente alto (6,79) definem a capacidade que a rede de TBC tem para sustentar o fluxo de informações e conhecimentos entre seus membros. Além disso, essas propriedades determinam o potencial que a rede possui para o controle social da atividade e a ação conjunta na gestão dos serviços e recursos turísticos, especialmente quando a rede envolve relações com diversas categorias de atores. Em geral, considera-se que quanto maior o número de relações por nó, maior o capital social (BORGATTI e JONES, 1998). Portanto, isso pode promover maior fortalecimento da colaboração em nível de uma comunidade. Igualmente, a densidade da rede pode favorecer uma melhor governança dos sistemas sócio-ecológicos, mediante o fortalecimento da ação coletiva, a difusão de inovações do conhecimento e o acesso a mais informações (BODIN e CRONA, 2009). Os atores de uma rede de alta densidade (rede densa) possuem mais contatos com os demais atores do que em uma rede de baixa densidade (rede esparsa). Desta forma, pode-se esperar que os recursos necessários para o desenvolvimento da atividade turística possam fluir de forma mais eficiente à medida que a rede ganha em densida-

de, favorecendo a aprendizagem e fortalecendo a experiência sobre a prática turística. A rede de colaboração está longe da saturação de relações, uma vez que conta com apenas 5,52% do total de laços possíveis. No entanto, vale dizer que, densidades muito altas podem levar a homogeneização e redundância de conhecimentos, debilitando a governança e reduzindo a eficácia da ação coletiva, assim como a capacidade de adaptação a condições de mudança (BODIN, CRONA e ERNSTSON, 2006; MERTENS et al., 2011).

Além da conectividade e densidade, outras medidas ajudam a interpretar como o padrão estrutural da rede pode influenciar processos importantes para o TBC. Por um lado, a distância média entre os indivíduos da rede (2,9) apresenta-se como uma distância curta, permitindo que diferentes recursos possam circular e ser trocados entre qualquer par de membros envolvidos no TBC com um pequeno número de intermediários. Isso sugere que a rede de colaboração da Prainha do Canto Verde é bastante compacta e, portanto, favorece uma colaboração eficiente entre seus membros. Com distâncias maiores, informações associadas aos processos colaborativos poderiam, por exemplo, demorar muito em difundir-se, perdendo em qualidade, confiabilidade e efetividade.

Por outro lado, a centralidade dos indivíduos possibilita capturar também a complexidade inerente às relações sociais e mostrar o desempenho da colaboração na rede de estudo. Mediante a centralidade de grau (degree) foi possível identificar os atores mais centrais, que concentram um maior número de relações. Atores centrais na rede de colaboração do TBC podem ser capazes de exercer influência direta sobre outros e estão mais bem situados para o acesso à informação. Ainda, ocupar essas posições implica que os atores tornem-se fonte estratégica enquanto ao controle do fluxo de recursos a partir de um local para outro da rede. Desta forma, a maneira em que os membros da comunidade que ocupam essas posições favoráveis utilizam seu poder terá um impacto positivo ou negativo sobre os resultados da gestão. Um alto grau de centralidade pode ser uma vantagem em momentos iniciais de um processo e em tempos de mudança, pois permite assegurar coordenação rápida e eficaz entre as diversas partes interessadas. Contudo, à medida que os processos ganham em complexidade, estes requerem decisões menos centralizadas e o acoplamento de diversos atores para dar conta da gestão (BODIN e CRONA, 2009). Nesse sentido, pode-se considerar que o desenvolvimento do turismo comunitário na Prainha é um processo maduro e suficientemente complexo para não precisar da existência de atores concentrando as relações, mas também se apresenta como um processo não consolidado, que atravessa um período de mudança e definição de horizontes. De qualquer modo parece que, embora existam alguns atores centrais na rede de estudo, eles atuam como “dinamizadores” da atividade turística acoplando diversos interesses para elaborar um pacote turístico que satisfaça a necessidade dos visitantes. Isto é, os atores com maior número de relações de colaboração na rede são alguns poucos membros da comunidade que atuam na gerência das pousadas e como monitores. Isso significa que tais membros da comunidade que realizam funções de gerência nesses empreendimentos atuam como coordenadores da atividade turística, acessando diversos serviços e estando em contato com diferentes provedores para poder elaborar o produto turístico. Da mesma forma, alguns monitores, que realizam principalmente passeios e excursões com os turistas, se apresentam como indivíduos “altamente” conectados já que se articulam com outros membros da rede para guiar um número máximo de clientes.

Ainda, observamos que a rede de estudo tem uma alta dispersão das relações entre seus membros. A estrutura da rede social estudada apresenta uma distribuição de relações heterogênea, com poucos nós altamente conectados e muitos nós com poucas conexões. A dispersão das relações está correlacionada com a robustez da rede, uma vez que a hierarquia de relações permite tolerar falhas aciden-

tais sem que a rede perca sua conexão e, portanto, seu funcionamento (BARABÁSI e BONABEAU, 2003; MERTENS et al. 2008). Porém, essa estrutura é extremamente vulnerável a ataques seletivos sobre lideranças ou atores-chave que poderiam desencadear a fragmentação da rede. Diante disso, a distribuição heterogênea das relações na rede de colaboração de estudo parece ser essencial para manter a conectividade total da rede, mas sem perder de vista os riscos derivados da desaparecimento ou alteração dos membros mais conectados. Este último ponto é importante, pois, a partir da identificação dos membros da rede de estudo mais conectados (principalmente gerentes de pousada) é possível inferir, por exemplo, que se as pousadas fecharem e/ou esses gerentes que ocupam posições centrais na rede abandonarem a comunidade, isso poderia desencadear uma fragmentação das relações ou o colapso da atividade turística uma vez que boa parte da rede seria afetada. Igualmente, apesar de uma relativa redistribuição de poder na rede, a existência de indivíduos “hiperconectados” que detêm maior poder de influência e capacidade de direção das ações a realizar, pode originar tensões e conflitos decorrentes desse privilégio entre o resto de membros da comunidade.

Outro ponto a ser considerado na caracterização da rede de estudo é a natureza das relações estabelecidas. Sendo a Prainha do Canto Verde uma comunidade tradicional de pescadores, com a maioria da população nativa, e devido à importância dada à unidade familiar e às relações entre os membros familiares para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais, seria de se esperar que as relações de parentesco tivessem um papel fundamental na organização e gestão do turismo comunitário. No entanto, os resultados do estudo mostram que, embora relevantes para o desenvolvimento do turismo, a comunidade não privilegia as relações de parentesco. Existe uma integração entre essas relações e as de amizade, com vantagens e limitações associadas ao uso dos dois tipos de relação uma vez que cada uma tem um alcance diferente. Nesses termos, embora as relações de parentesco pressuponham a existência de laços mais imediatos e com maior probabilidade de fundar relações mais densas e duradoras, nas culturas modernas tais relações tendem a ser substituídas por relações de amizade. Isso porque a modernidade tem provocado uma modificação das bases sobre as quais são construídos os níveis de confiança (GIDDENS, 2000). Este padrão da rede estudada pode indicar um mecanismo de superação de redundância de informações que acontece em grupos pequenos, como a família. Assim, quando membros envolvidos na prática turística estabelecem parcerias com outras partes interessadas da comunidade externas ao âmbito familiar, poderiam garantir com isso a diversidade de informações, ampliando as possibilidades potenciais de ação coletiva.

A rede de colaboração da Prainha do Canto Verde apresenta-se como uma rede bem conectada e compacta, com uma ampla porcentagem de membros estabelecendo parcerias, se mostrando como uma rede com alto potencial para o controle social do turismo comunitário. Igualmente, a análise da rede social de colaboração revelou que na comunidade existe um equilíbrio entre a centralização e a horizontalidade, de modo que a responsabilidade para o desenvolvimento do turismo se distribui de forma bastante igualitária entre as partes interessadas. No entanto, a rede mostra certa hierarquia funcional devido à atuação de alguns atores centrais, principalmente gerentes de pousadas.

Esses resultados reforçam a ideia do TBC como uma forma de promover o turismo mais sustentável, sempre e quando ancorado em modelos horizontais de gestão participativa. Isso porque o envolvimento em relações de colaboração para a prática turística comunitária, por meio de uma estrutura relacional inclusiva que integre e promova relações complexas entre a diversidade de partes interessadas, favorece o aumento das oportunidades para o desenvolvimento sustentável nos destinos em que ocorre a atividade turística. Não obstante, acredita-se que frequentemente o discurso

do TBC se apropria da noção de gestão participativa como uma qualidade intrínseca ao modelo e indistintamente aplicável a qualquer experiência, sem levar em consideração as características da participação desde uma verdadeira perspectiva relacional, nem valorar possíveis entraves ao processo colaborativo próprios de cada caso. Por fim, o estudo evidencia que a análise de redes sociais apresenta-se como um mecanismo relevante para compreender a função que a colaboração desempenha no processo de desenvolvimento turístico comunitário.

Referências bibliográficas

ARAUJO, L. M.; BRAMWELL, B. Stakeholder Assessment and Collaborative Tourism Planning: The Case of Brazil's Costa Dourada Project. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, n. 3-4, p. 356-378, 1999.

BARTHOLO, R.; BURSZTYN, I.; DELAMARO, M. Turismo Para Quem? Sobre Caminhos de Desenvolvimento e Alternativas para o Turismo no Brasil. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 76-91.

BARTHOLO, R. S.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. Disponível em: < <http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Livro%20TBC.pdf> >. Acesso em: 08/05/2014.

BARABÁSI, A. L.; BONABEAU, E. Scale-free Networks. **Scientific American**, v. 50, p. 50-59, 2003.

BODIN, O.; CRONA, B. I. Management of Natural Resources at the Community Level: Exploring the Role of Social Capital and Leadership in a Rural Fishing Community. **World Development**, v. 36, n. 12, p. 2763-2779, 2009.

BODIN, O.; CRONA, B. I.; ERNSTSON, H. Social Networks in Natural Resource Management: What Is There to Learn from a Structural Perspective? **Ecology and Society**, 11(2): r2, 2006.

BORGATTI, S. P.; JONES, C. Network Measures of Social Capital. **Connections**, v. 21, n. 2, p. 1-36, 1998.

BORGATTI, S. P. **NetDraw: Graph visualization software**. Harvard: Analytic Technologies, 2002.

BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G.; FREEMAN, L. C. **UCInet 6 for Windows: software for social network analysis**. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BORGATTI, S. P.; FOSTER, P. C. The network paradigm in organizational research: A review and typology. **Journal of Management**, v. 29, p. 991-1013, 2003.

BRAMWELL, B.; LANE, B. Collaboration and Partnerships for Sustainable Tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, p. 179-181, 1999.

BURSZTYN, I. et al. Benchmarking: Prainha do Canto Verde. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 3, n. 3, p. 18-32, 2003.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CORIOLOANO, L. N. **Arranjos produtivos Locais do Turismo Comunitário: atores e cenários em mudanças**. Fortaleza: UECE, 2009.

- FABRINO, N. H. **Turismo de Base Comunitária: Dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.
- FORTUNATO, R. A.; SILVA, L. S. Os conflitos em torno do turismo comunitário na Prainha do Canto Verde (CE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 6, n. 1, p. 123-138, 2013.
- FREEMAN, L. Centrality in Social Networks. Conceptual Clarification. **Social Networks**, v. 1, p. 215-239, 1979.
- GIDDENS, A. **Un mundo desbocado: los efectos de la globalización en nuestras vidas**. Madrid: Taurus, 2000.
- GILCHRIST, A. The well-connected community: networking to the ‘edge of chaos’. **Community Development Journal**, v. 35, n. 3, p. 264-275, 2000.
- GONDIM, R. V. Mobilizing Social Capital for the Local Development of a Community of Fishermen in Northeastern Brazil: a Narrative Photographic Ethnography. In: 8TH INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THIRD SECTOR RESEARCH, 2008. Barcelona. **Anais...** Barcelona: ISTR, 2005.
- GRAY, B. Conditions facilitating interorganizational collaboration. **Human Relations**, v. 38, p. 911-936, 1985.
- HALL, M. C. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.
- HALME, M. Learning for sustainable development in tourism networks. **Business strategy and the Environment**, v. 10, p. 100-114, 2001.
- HANNEMAN, R. A.; RIDDLE, M. Introduction to social network methods. Riverside, CA: University of California, 2005. Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/>>. Acesso em: 09/05/2014.
- IRVING, M. A. Ecoturismo em áreas protegidas: um desafio no contexto brasileiro. **Boletim de Turismo e Administração Hoteleira**, v. 9, n. 2, 2000.
- IRVING, M. A. Participação: questão central na sustentabilidade de projetos de desenvolvimento. In: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. (Orgs.). **Turismo, o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002, p. 35-45.
- KNOKE, D; YANG, S. **Social Network Analysis**. Califórnia: SAGE, 2008.
- LAUBER, T. B. et al. Social Networks and Community-Based Natural Resource Management. **Environmental Management**, v. 42, p. 677-687, 2008.
- MARIN, A.; WELLMAN, B. Social network analysis: an introduction. In: CARRINGTON, P. J.; SCOTT, J. (Eds.). **The Sage Handbook of Social Network Analysis**. London: SAGE, 2011, p. 11-25.
- MENDES, E. G.; CORIOLANO, L. N. O turismo comunitário na Prainha do Canto Verde – Beberibe – CE. **Revista Estudos Turísticos**, n. 20, 2006. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=11160>>. Acesso em: 08/05/2014.
- MENDONÇA, T. C. M. **Turismo e participação comunitária: ‘Prainha do Canto Verde, a “Canoa” que não quebrou e a “Fonte” que não secou?’**. 2004. Dissertação (EICOS - Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MENDONÇA, T. C. M.; IRVING, M. A. Turismo de base comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos turístico no Brasil - Prainha Do Canto Verde, Beberibe (CE). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 4, p. 12-22, 2004.

MERTENS, F. et al. Emergence and Robustness of a Community Discussion Network on Mercury Contamination and Health in the Brazilian Amazon. **Health Education & Behavior**, v. 35, n. 4, p. 509-521, 2008.

MERTENS, F. et al. Redes sociais, capital social e governança ambiental no Território Portal da Amazônia. **Acta Amazônica**, v. 41, p. 481-492, 2011.

MOWFORTH, M.; MUNT, I. **Tourism and sustainability**. London: Routledge, 2003.

MTUR. Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: Desafio para a formulação de política pública. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

NOVELLI, M.; SCHIMITZ, B.; SPENCER, T. Networks, Clusters and Innovation in tourism: A UK Experience. **Tourism Management**, n. 27, v. 6, p. 1141-1152, 2006.

PRETTY, J. Social capital and the collective management of resources. **Science**, n. 302, p. 1912-1914, 2003.

SCHÄRER, R. Turismo sustentável: um estudo de caso sobre a experiência da comunidade da Prainha do Canto Verde no litoral do Ceará. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 1, n. 2, p. 231-242, 2003.

SCOTT, J. **Social Network Analysis. A Handbook**. London, UK: Sage Publications, 2000.

SCOTT, N. et al. **Network Analysis and Tourism: From Theory to Practice**. Clevedon: Channel View Publications, 2008.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.